

# Fernando Mariano: SET ajudou no desenvolvimento da engenharia de televisão no Brasil



Foto: Arquivo pessoal

*O advogado e jornalista carioca, Fernando Mariano dedicou a sua vida à informação incorporada à tecnologia. Precursor para a sua época, Mariano compreendeu rapidamente que a tecnologia seria a base de uma boa informação e que as empresas de mídia precisavam entender essa junção para continuar sendo relevantes. Conheça a história de um dos profissionais que foi determinante na fundação da SET.*

**Por Fernando Moura**

Fernando Mariano mora com a sua família há mais de três décadas em Orlando, nos Estados Unidos, mas nunca deixou de ter contato com o Brasil, a indústria e a SET. Mariano foi um dos precursores da fundação da Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão, em 1988, e desde esse momento, tem acompanhado a vida da entidade.

Mariano se formou em Direito em 1969 e em Jornalismo em 1972. “Na época uma pessoa formada numa Faculdade com alguma semelhança no currículo somente precisava fazer a metade do período na outra. Assim eu fiz quatro anos de direito na Faculdade Nacional de Direito (que depois mudou de nome Faculdade de Direito da nova UFRJ e dois anos na Faculdade de Comunicação da mesma UFRJ”, explicou, mas tinha começado a sua carreira em 1964, aos 18 anos, organizando eventos. Para isso fundou uma firma de nome Fernando Mariano Promoções Ltda. “Essa empresa foi bastante ativa até a entrada no jornal **O Dia**, quando a desativei. Conheci muito cedo as redações de jornais e logo me apaixonei pelo jornalismo: entrei para o jornal em 1968, aos 22 anos de idade, no qual fui repórter da área esportiva e colunista de automóveis até 1971. Fui contratado pelo jornal **O Globo** em março de 1971, antes de completar 25 anos, já como editor de automóveis. Trabalhei *full time* no jornal até 1981 e depois como colunista semanal *freelancer* até 1983”.

Mas a história com o audiovisual começou em 1966, explicou o executivo. Depois de muito trabalho realizado entre 1964 e 1966, com mudanças de

governo, e câmbios nas regras de realização de eventos, “fiz várias gincanas de carros e eventos de rua e em clubes, inclusive os famosos, na época, desfiles de moda da Ducal, uma cadeia de lojas de departamentos do Rio de Janeiro. Foram tempos difíceis. Quando meu pai viu a programação de eventos previstos para o final de 1964 e todo o ano de 1965, disse que eu não precisava mais do dinheiro dele e cortou a mesada no momento em que eu mais precisava dela! Eu somente iria começar a receber pagamentos após os primeiros meses das promoções. Sem saber como enfrentar o novo problema, comecei a economizar até nas passagens de ônibus e nas fichas para falar nos telefones públicos”.

“Uma das maiores despesas antecipadas que eu tinha era com gráficas, para fazer os programas e cartazes de divulgação. Fui a uma gráfica de bairro – a Gráfica Leonil, em Vila Isabel – e lá procurei o dono, Leonil José Soares, a quem não conhecia. Expliquei o que estava acontecendo e ele me disse que faria todos os serviços e que eu pagasse quando tivesse o dinheiro disponível, sem qualquer juro. Claro que liquidei a dívida assim que recebi os primeiros pagamentos. Quase dois anos depois, contratado pela TV Globo para fazer um super-evento, pedi ao Boni que o material de promoção fosse feito pela Gráfica Leonil. E o meu agora amigo Leonil, dono de uma gráfica simples de impressão plana, terminou imprimindo pôsteres de altíssimo nível criativo, desenhados pelo já famoso cartunista Ziraldo!”.

Em 1966, lembra, “a **TV Globo** queria fazer uma gincana no Rio de Janeiro reunindo automobilistas e entrou em contato com o Automóvel Clube do Brasil. O Amadeu Girão, que na época já comandava as corridas de carro no Rio, me indicou e assim fui contratado para fazer uma grande gincana de carros, logo no segundo ano da emissora. O Boni tinha recebido a informação de que gincanas do tipo “caça ao tesouro” eram realizadas em praias da Inglaterra: os organizadores enterravam as tarefas na areia, daí o nome “caça ao tesouro”. Na reunião propus que informássemos as tarefas pelo rádio: o Boni aprovou a ideia na hora! Assim, poderíamos movimentar toda a cidade e a população, e não apenas os participantes em duas ou três praias da zona sul. Essas gincanas, que foram realizadas até 1968, com o patrocínio da Shell, marcaram época, com mais de 300 equipes e 3.000 carros nas ruas durante os dois dias de festa. O prêmio para o vencedor era um Galaxie, o carro brasileiro mais luxuoso dos anos 1960 e 1970.

*“Defino a minha carreira pela perseverança e foco nos objetivos” - Fernando Mariano*

Já na primeira edição, o evento manteve a emissora no ar por mais de 24 horas. E eu fiquei com o orgulho de ter “comandado” a transmissão dessa primeira madrugada da TV Globo!”.

Gincana organizada por Fernando Mariano aparece na **Memória Globo**, e mostra a equipe do programa escolhendo onde esconder o prêmio na maquete do centro da cidade do Rio de Janeiro.  
Foto: Agência O Globo/ Divulgação



## Produtora de vídeo com serviços de ponta

Em 1981, acompanhando o crescimento do videocassete profissional, que substituía filmes e slides de treinamento nas empresas, explicou Mariano à reportagem, “saí do jornal e montei uma das primeiras produtoras de vídeo do país, a **Embravídeo – Empresa Brasileira de Vídeo Ltda.**, especializada nesse segmento e prestadora de serviços de produção, laboratório de vídeo e depois locação de equipamentos profissionais. A Embravídeo teve vários *firsts*, como a instalação do primeiro telecine no Brasil que permitia transferir filmes Super 8 para vídeo sem trepidação da imagem. Mais de uma vez o *Jornal Nacional* utilizou os serviços de telecinagem da Embravídeo para colocar no ar imagens exclusivas, transferidas de Super 8”.

Mariano lembra que a empresa “trouxo o segundo conversor de padrões de cores do país, acabando com a exclusividade da estatal Embratel, que, como empresa do governo militar, criava todo tipo de dificuldades para os clientes. Esse conversor serviu a centenas de empresas, que precisavam passar imagens para o padrão brasileiro PAL-M, e vice-versa, como a remessa de comerciais para o Festival de Cannes. Anos depois, quando o conversor da Embratel quebrou, passamos a trabalhar para eles, inclusive na transmissão ao vivo dos jogos de futebol que vinham da África no padrão francês Secam. Uma inversão de papéis no mínimo curiosa”.

Segundo o executivo, um dos destaques da Embravídeo foi a criação do primeiro mapa-múndi

desmitificando a conversão de padrão em fitas gravadas. “Esse mapa, patrocinado pela Sony por indicação do meu querido amigo Luiz Padilha, eliminou a confusão existente no mercado entre os padrões exclusivos para a transmissão e os padrões necessários para uma simples copiagem. Foi adotado por dezenas de produtoras e emissoras de TV no Brasil e no exterior. Durante muitos anos, fizemos cópias de videoclipes para a **CBS** e **Polygram**, que depois eram enviados ao programa Fantástico e a outras emissoras em todo o Brasil. Fomos o fornecedor exclusivo para a **TV Globo** e a **TV Manchete** das fitas VHS nos padrões europeus dos desfiles das escolas de samba, que essas emissoras produziam e vendiam aos turistas”.



Foto: [www.telecinagem.com.br](http://www.telecinagem.com.br)

## Video Expo

Em 1985, Fernando Mariano criou o **Vídeo Expo**, primeiro *trade show* de televisão organizado no Brasil, e “contratei a Certame, do José Mascarenhas, a quem eu não conhecia, para fazer a montagem da exposição. Fiz de pronto dois eventos, um no Rio de Janeiro, e o outro em São Paulo, com a participação de vários fabricantes estrangeiros, como Sony, Ampex etc., e um apoio fundamental da TV Globo. Alguns meses depois fui procurado pelo Mascarenhas, com que tinha feito boa relação, e que me fez uma proposta para comprar o evento, dentro de um acordo que incluía, ainda, consultoria por três anos. A transação deu certo, ficamos amigos, assim quando o Adilson Pontes Malta me pediu o apoio para a fundação da SET, eu coloquei a Certame nisso”.

O primeiro Vídeo Expo teve duas edições, se realizou, em São Paulo, “no Palácio das Convenções do Anhembi, aquele menor que ficava ao lado do pavilhão principal). A do Rio de Janeiro, no Centro de Convenções do Hotel Nacional, na época um dos locais mais importantes de eventos no Rio”, explicou Mariano e disse que “logo após esses dois eventos vendi a marca para o José Mascarenhas, que seguiu organizando anualmente, apenas em São Paulo. Este evento mais tarde evoluiria com a chegada da SET”. O executivo disse, ainda, que nesse momento,

“Roberto Irineu Marinho foi extremamente carinhoso comigo, autorizando chamadas em horário nobre na **Rede Globo** para a primeira edição do evento”.

Na página 45 da **Revista Telebrasil**, Novembro/Dezembro de 1985, na Seção **Curtas**, Jenner de Paiva falava do êxito do Vídeo Expo e como os “videomaníacos compareceram em massas às feiras (...) Houve demonstrações e vendas dos principais equipamentos, serviços e fitas gravadas disponíveis no País, além da exibição de *videoclips* nacionais e estrangeiros, em telões de 4mx3m”.

Quando a SET nasceu, explica Mariano, “falei com o José Mascarenhas que compreendeu na hora a importância da nova entidade e colocou toda a sua equipe à disposição, tendo várias reuniões sendo realizadas no seu escritório, na Rua México. Lembro que até a logomarca nasceu naquele escritório, depois de abreviada a sigla inicial de SBET para SET. O pequeno evento que criei em 1985, graças à excepcional competência

da Certame e depois ao próprio prestígio da SET, se transformou no maior evento de televisão da América Latina – a **Broadcast & Cable**, reunindo a exposição de equipamentos de broadcast e o congresso de tecnologia de televisão da SET, o que hoje é o SET EXPO”



Foto: Reprodução

## NAB 1986

Nesse ano, explicou Fernando Mariano, a Embravideo já se havia consolidado, e “percebendo o interesse de executivos brasileiros em acompanhar a evolução da tecnologia nos Estados Unidos, montei uma subsidiária para prestar serviços de marketing no Brasil a organizadores norte-americanos de

congressos e feiras de negócios, tendo sido o responsável pelo enorme crescimento no país do maior congresso de televisão do mundo – a NAB – e por trazer para o Brasil a **Comdex**, a maior feira de informática dos Estados Unidos”.



Em uma das paredes da Multimedia Inc. em Orlando, Fernando Mariano, retrata um pouco da sua carreira. Destaque para a SET no centro da foto / Foto: Arquivo pessoal

## A fundação da SET

No final de 1987, a pedido do Adilson Pontes Malta, então diretor geral de engenharia da *Rede Globo*, “tive uma participação expressiva *pro-bono* na criação da **Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão (SET)**, Adilson me chamou para uma reunião na Globo e me explicou que estava preocupado com o desenvolvimento da engenharia de televisão no Brasil, sem que houvesse uma entidade técnica para acompanhar o assunto. Ele queria que surgisse uma entidade independente, para a qual a Globo daria todo o apoio, mas que, por razões óbvias, não poderia assumir a liderança de fundar. Ele me perguntou se eu poderia cuidar dessa tarefa, a qual aceitei prontamente. Por respeito profissional, me ofereceu ajudas de custo, o que recusei na hora, prometendo todo o empenho, e assim comecei os contatos”.

Mariano avançou e começou a contatar os seus contatos nas emissoras. “Inicialmente procurei o Francisco “Chiquinho” Cavalcanti, diretor de engenharia da Rede Manchete (na época a número 2), e expliquei a ideia. O Chiquinho me perguntou onde é a que a Globo “entrava nisto”. Coloquei todos os pontos do Adilson e ele disse “que não haveria como sentar à mesma mesa onde houvesse alguém da Globo”. Mostrei-lhe que isto era um exagero. Graças à nossa amizade, consegui marcar um almoço dele com o Adilson. Saíram amigos, e depois acho que foram até sócios!”.

Do Rio de Janeiro, Fernando Mariano, veio para São Paulo, onde encontrou com “Alfonso Aurin, no SBT, e o Miguel Cipolla Jr., na Bandeirantes e outros cabeças de engenharia das nossas networks, costurando o apoio de todos. Curiosamente, o único que demorou a “fechar” com a SET foi o Ivo Facca, da RBS em Porto Alegre, um dos nomes mais

respeitados de engenharia de televisão no Brasil. Ele somente confirmou o apoio da RBS e a presença dele dois dias antes da solenidade de fundação da SET”.

Animado, Mariano afirma que, enquanto trabalhava nos detalhes da fundação da SET, teve uma grande ajuda do “Jaime de Barros Filho, um executivo extremamente competente, área do Adilson Pontes Malta, que cuidou muito bem dessa parte e de todos os procedimentos, estatutos etc. E havia um executivo que cuidava também de relações com o Governo, Romeu Leite, que conseguiu levar o Ministro das Comunicações desse momento, Antônio Carlos Magalhães, à cerimônia de fundação. Um fato pitoresco foi que inicialmente o Ministério informou que teríamos que aguardar uma “brecha na agenda”. Eu ponderei que isto não iria dar certo, e sugeri que marcássemos a data e informássemos a própria ao Ministério. Minha sugestão foi aceita, e, graças ao Romeu, o ministro apareceu, discursou e foi um dos pontos altos da solenidade de fundação da SET”.



25 de março de 1988. Cerimônia de Fundação da Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão. Presidida por Antonio Carlos Magalhães, Ministro das Comunicações e Adilson Pontes Malta, Presidente da SET. Convidado de honra, Carlos Kennedy, Presidente da SMPTE. Mariano fez parte da primeira diretoria da SET, como “Vice da DT: Fernando Azevedo Ribeiro Mariano (Embravideo)” / Foto: SET.

## Apoio do empresariado

Mariano afirmou à reportagem que um dos fatos curiosos da fundação da SET foi o apoio de empresas estrangeiras. “Um ponto alto no evento – e bastante curioso, pela forma como aconteceu – foi à presença do presidente da Ampex Corporation dos Estados Unidos e do presidente da divisão Broadcast da Sony Corporation do Japão. Como se sabe, essas eram, na época, as principais empresas fornecedoras. Eu fui a ter com Guilherme da Silva, presidente da Ampex do Brasil, e falei sobre a chegada da SET e lhe solicitei a presença do presidente americano. E ao Luiz Padilha, da Sony, para pedir a presença de um executivo japonês. Ambos são queridos amigos, porém me explicaram que seria impossível conseguir

a presença desses executivos no evento de fundação de uma entidade.

Nós, também, precisávamos da presença das duas empresas, de um lado, para marcar a importância da fundação da SET, de outro, para não parecer que estávamos favorecendo uma ou outra empresa. Eu fiz, então, o que o norte-americano chama de “*white lie*” – a mentira que não prejudica qualquer parte. Com diferença de 24 horas, disse ao Guilherme que a Sony tinha confirmado a presença do presidente da divisão broadcast, e disse ao Padilha que a Ampex tinha confirmado a vinda do presidente. E que eu precisava de uma resposta urgente de cada

um, para que suas empresas não ficassem “de fora” do evento. Ambos entraram em contato com as matrizes e obtiveram a confirmação da vinda desses executivos, além do apoio total à nova entidade. É a primeira vez que relato essa história”.

Um fato interessante que representou uma emoção especial para o executivo “foi que logo após a solenidade no Sheraton, esse alto executivo da Sony japonesa, a quem eu não conhecia, me procurou para agradecer o fato de ter introduzido a Sony na fundação da SET, e insistiu em me convidar para almoçar, nesse mesmo dia, com o Padilha e outros diretores da Sony do Brasil. Foi um almoço agradável e uma atitude bastante simpática: claro que ele não sabia da minha “white lie”.

*“Fiz, então, o que o norte-americano chama de “white lie” – a mentira que não prejudica qualquer parte” -  
Fernando Mariano*

Após a fundação, disse Mariano, “no Carnaval do ano seguinte, quando a associação das escolas de samba exigiu um pool de emissoras para a transmissão do Carnaval, a SET foi fundamental para a formação desse pool”.

Em termos internacionais, comentou orgulhoso Mariano, “apresentei a SET à diretoria da NAB (*National Association of Broadcasters*) e consegui o apoio da entidade norte-americana para a oficialização de um evento anual da SET durante o congresso da NAB: o famoso “**SET e Trinta**”, que até hoje debate de manhã cedo, em Las Vegas, os principais temas que vão ser discutidos em cada congresso”.



## Mudança para os Estados Unidos

Em 1991, embalado pela internacionalização do Brasil, Mariano mudou-se para os Estados Unidos, criando a **Multimedia Inc.** para cuidar da publicidade internacional, que segundo ele, “viria a ter forte crescimento no país, com a chegada de investimentos e a entrada de novas empresas. Apresentei uma proposta de representação a **O Globo**, tendo recebido o imediato apoio dos diretores Arthur de Almeida e João Roberto Marinho e obtendo a representação exclusiva do jornal para os Estados Unidos”.



Equipe da Multimedia Inc. em 2013 / Foto: Arquivo pessoal

Mas a mudança não foi fácil. “Foram tempos difíceis: somente consegui fazer a primeira venda três anos depois, em 1994, mesmo ano em que contratei nosso primeiro funcionário, o José “Bira” Sales. Durante os três primeiros anos, chegava ao escritório pontualmente às 9 horas da manhã, fazia dezenas de ligações, conversava com agências e potenciais clientes. Mandava *flyers*, frequentava eventos etc., tudo com muito pouco retorno. A demora não me assustou porque conhecia bem como funciona o sistema, depois de trabalhar por muitos anos para empresas norte-americanas no

Brasil. Trata-se de algo típico deste grande país que é Estados Unidos – é como se você estivesse sendo analisado, sua seriedade, seu comprometimento com o negócio”.

Em 1995, “a Multimedia ainda não tinha chegado ao *breakeven* – que somente alcançamos em fevereiro de 1997 –, quando se começou a falar de globalização. Fiquei preocupado com possíveis perdas futuras em um negócio no qual eu ainda não tinha sequer obtido o equilíbrio entre a receita e a despesa e procurei *O Globo* para pedir a ampliação da representação para todo o mundo. Prometi criar uma rede de agentes nos principais países. O diretor de mercado na época, hoje meu querido amigo José Padilha, ficou sinceramente preocupado com o fato de eu estar expandindo os negócios sem ter ainda viabilizado a empresa economicamente. Mas deu apoio imediato, como sempre fez! Eu criei essa rede, hoje com 82 agentes, em 31 países, alguns deles por indicação do próprio Padilha. Ele foi o primeiro diretor de *O Globo* a visitar a Multimedia em Orlando, um gesto que muito me emocionou!”. Depois disso as sinergias aumentaram com à Editora Globo, o jornal *O Estado de S.Paulo*, *Valor Econômico*, e alguns jornais da América Latina.



## Sinergia com Europa, Ásia e Oriente Médio

Em 2004, acompanhando os rumos da globalização da economia, com a explosão das novas potências mundiais, comentou Mariano, “desenvolvi um projeto para representar jornais líderes de países emergentes da Europa, da Ásia e do Oriente Médio, iniciando um processo dinâmico e estratégico com vantagens de sinergia para todas as mídias que representamos. Comecei fazendo um levantamento dos 50 países mais importantes para os Estados Unidos no comércio exterior. Eliminei da lista países tradicionais – cujos jornais já tinham, naturalmente, representantes e escritórios – e adicionei os países do Leste Europeu que estavam se juntando

à Comunidade Europeia. Cheguei ao *target* de 30 países. Entre os jornais líderes que representamos estão o *People’s Daily*, primeiro jornal da China, pertencente ao Partido Comunista, o *China Daily*, líder na língua inglesa, o *Hindustan Times*, da Índia, o *Izvestia*, da Rússia, o *JoongAng Ilbo*, da Coreia do Sul, o *Kompas* e o *Jakarta Post*, da Indonésia, o *Bangkok Post* e o *Matichon Daily*, da Tailândia, o *Jang*, do Paquistão, o *Philippine Daily Inquirer*, das Filipinas, o *Diário de Notícias*, de Portugal, e o *Khaleej Times*, de Dubai. Temos também em nosso portfólio os jornais líderes de todos os países do Leste Europeu”.

## Seis décadas de trabalho

Fernando Mariano disse que, em 2015, começou a ajudar o **Lar Fraternal Vovó Cavendish**, localizado em Sertânia, no interior de Pernambuco. “Esta entidade ajudava 10 crianças e enfrentava sérias dificuldades financeiras, com risco mesmo de fechar as portas. Comecei a contribuir desde essa data e, com minhas doações e o apoio de vários voluntários que doam seu tempo, a instituição cresceu bastante: hoje atendemos 71 crianças com café da manhã, almoço e jantar, e temos várias salas de aula, quadra de esportes, refeitório etc”.

Em 2018, preocupado com as mudanças que estavam começando a acontecer na publicidade com a migração das verbas para Google, Facebook etc, lembra Mariano, “decidi criar em Orlando um *coworking* de alto luxo. Comprei uma área de 400 metros quadrados num prédio comercial elegante

de Orlando e construí a Bizcenter USA que hoje é conhecida como o melhor *coworking* de Orlando, e que recebeu o prêmio **Best of Orlando 2022** nesta categoria”.



BitCenter, espaço de *coworking* criado por Fernando Mariano em Orlando/Foto: Divulgação



**Nome:** Fernando Azevedo Ribeiro Mariano

**Data de nascimento:** 24/06/1946

**Naturalidade:** Rio de Janeiro

**Formação:** Formado em Direito (1969) e em Jornalismo (1972), ambos na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

**Casado** com Suely, com três filhos, Bruno, Fernanda e Daniel.